

QREN - Aldeias de Memória

História de Vida

de

Inácio Gonçalves

registada em 2009-02-12
por

Hugo Pereira e Joana Ribeiro

Inácio Gonçalves

Inácio Gonçalves nasceu no lugar da Mourísia, a 7 de Outubro de 1930. O pai, António Gonçalves, e a mãe, Maria da Assunção Gonçalves, eram agricultores mas o pai ainda foi amolador. Inácio e os sete irmãos foram criados na Mourísia, num casa de pedra e madeira. Em criança “pouco tempo andavam na escola”, tinham de trabalhar. Ainda fez a terceira classe, mas não o deixaram continuar na escola e só mais tarde concluiu a quarta classe. Aos 10 anos, foi guardar um rebanho de gado num proprietário na Moura, durante três anos. Depois, de regressar a casa, ainda ajudou o pai a vender nas feiras e pelas aldeias. Entre os 16 e os 19 anos, altura em foi para a tropa, ia para Lisboa, no Verão, vender gelados e bolos na praia e no Inverno vendia torneados, colheres de pau e almofarizes. À semelhança do pai, ainda trabalhou com uma roda de amolador. Depois da tropa e de mais dois anos em Lisboa, regressou à aldeia. Sem patrão até aos 36 anos. Em 1954 casou com a esposa, que tinha como vizinha na Mourísia, desde os seus 6 anos de idade. Foi vendedor ambulante, até surgir a oportunidade de ir para a Suécia, em 1966. Aí trabalhou em companhias de pedra e mais tarde na Volvo. Hoje passa o seu tempo entre a Mourísia, “uma aldeia pacata, sossegada, onde se pode viver”, e Arganil.

Índice

Identificação Inácio Gonçalves.....	4
Ascendência António Gonçalves e Maria da Assunção Gonçalves.....	4
Casa "Uma casa de pedra".....	5
Infância "Ajudávamos a carregar terra".....	5
Educação "Aprendi muito".....	6
Migração "Toda a gente teve que emigrar".....	7
Percurso profissional	8
Namoro "Resolvi pedir-lhe namoro".....	13
Casamento "Foi na capela".....	14
Lugar "Vem lá dos mouros".....	15
Costumes	19
Avaliação "Foi bom recordar".....	21

Identificação *Inácio Gonçalves*



Inácio Gonçalves (Mourísia, anos 90)

O meu nome é Inácio Gonçalves. Nasci aqui no lugar da Mourísia, freguesia de Pomares, concelho de Arganil, a 7 de Outubro de 1930.

Ascendência *António Gonçalves e Maria da Assunção Gonçalves*

Os meus pais eram agricultores. Chamavam-se António Gonçalves e Maria da Assunção Gonçalves. Ela era daqui da Mourísia e ele era de Parrozelos, freguesia da Teixeira, concelho de Arganil. É aqui logo detrás da serra. Demora aí pouco mais de meia hora. O meu pai conheceu a minha mãe, casou e veio

morar aqui na Mourísia. E aqui morou sempre até falecer. Conheceram-se talvez por as festas ou pelos bailes, naquele tempo.

O meu pai ainda fez por aí algumas fazendas, para cultivar. Também trabalhava de amolador, em princípio. Fazia peneiras, crivos para crivar, batedores para bater os bolos, fazia diversas coisas e depois ia vender às feiras. Se quando acabava a feira, não vendesse tudo, vendia o resto para as aldeias e depois vinha para casa.

Casa "*Uma casa de pedra*"

Era uma casa de pedra, onde eu me criei mais os meus irmãos. Por dentro, era um tecto de madeira e por baixo era madeira, também. Tinha três quartos, sala, cozinha e era aquilo assim. O meu pai, nessa altura, tinha uma outra casa. Tinha comprado ao meu avô aquela. Também lá tinha dois quartos e uma sala. Tudo se foi criando naquela. Depois, o meu pai construiu uma casa grande lá em cima. Tem uma entrada por cima e uns quintais logo na entrada. Mas isso já foi mais tarde, já os filhos andavam pelo mundo a ganhar alguma coisa.

Infância "*Ajudávamos a carregar terra*"

Eu tinha sete irmãos: duas raparigas e cinco rapazes. O ambiente lá em casa era o ambiente destas aldeias: pobres, naquele tempo. Tinham muitos filhos e pouco para lhe dar, de forma que o ambiente era assim. O meu pai, às vezes, tinha que ir ganhar algum dinheiro por fora para os filhos terem para vestir ou calçar. Eu e os meus irmãos ajudávamos a carregar terra, cascalho, uma coisa e outra. Ainda se ajudava. Pouco tempo andavam na escola. Eu, por exemplo, andei três anos na escola. Fiz a terceira classe. Depois, já só havia a quarta, mas nem a quarta me deixaram fazer. Tinha 10 anos, puseram-me logo a guardar um rebanho de gado aí num proprietário lá na Moura, praticamente. Estive lá três anos. O meu pai arranjou aquele patrão para mim. De manhã, ia-se fazer alguma coisa até ao meio-dia: para o mato ou tratar do gado na loja. Depois, ia-se deitar para o campo, para a serra, toda a tarde. Ganhava 100 escudos por ano. O meu pai ia lá receber ao fim do ano o meu ordenado para ajudar a criar os meus irmãos e para as despesas. Era assim que ele fazia. Ainda tive mais uma irmã que também esteve a servir e os outros iam andando na fazenda.

Depois, vim para casa um ano ou dois. Às vezes, ainda saía com o meu pai para a volta que ele ia fazer. Ele, às vezes, ia vender coisas nas feiras e pelas aldeias e eu ia com ele. Do resto, era aqui na agricultura. Cultivávamos o de

sempre: batatas, milho, feijão, o centeio também se fabricava aí bastante... O que era mais preciso comer na hora e que dava para guardar para todo o ano. De Inverno, faziam umas cavadas. Na altura de Setembro, queimavam aqueles terrenos, tudo o que se vê aí à volta. Cortavam as giestas, cavavam a terra e depois, queimavam. Faziam as cavadas de sete em sete anos. Em sete anos faziam uma parte, depois, daí a sete anos, outra, depois, tornava a voltar ao fim de sete anos, já as giestas estavam criadas. Depois, semeavam o centeio. Vinha o mês de Julho, Agosto, ceifavam, malhavam e era assim que esta gente toda vivia por aqui. Tinham muito centeio e milho, também. Vendiam, tinham para as famílias, essas coisas assim.

No nosso tempo, não havia brinquedos como hoje há. Tinha era que se ir trabalhar, tratar dos animais.

Educação "*Aprendi muito*"

Andei três anos na escola. Fui aqui à Moura da Serra. Quando fizeram a escola, eu fui quase dos primeiros alunos a ir para lá. Nessa altura, ensinavam até muito bem. Eu estudava bem. Aprendi muito naqueles três anos, mas muito de verdade. Só tive pena de não fazer a quarta classe, que depois já tinha melhor vantagem para um emprego, para uma coisa qualquer, mas não me deixaram lá andar mais um ano de forma que, mais tarde, tirei a quarta classe para tirar a carta de condução.

Éramos uns 30 alunos lá e uma professora dava conta daquilo tudo. Hoje, já assim não é. Apesar de serem outros programas melhorados, em três anos não aprendem como nós aprendíamos naquele tempo. Acho que tive duas professoras. Houve uma mudança. Foram duas. Recordo que elas obrigavam a gente a estudar e que os alunos tinham mais disciplina. Faziam o seu trabalho, mas bem feito. Não faltavam com as suas aulas. Ficava lá o dia todo. Ia-se às nove horas, estava-se lá até às cinco horas ou à hora que largava. A gente estava todo o dia lá a estudar. Depois, trazíamos uma cópia e uns trabalhitos para casa, que se faziam ao serão, à noite, às vezes. Quando já tinha que ir guardar as ovelhas, em vez de estudar, ia guardar as cabras e as ovelhas que tinham. Era assim.

O pior que tínhamos naquele tempo era o caminho. Não havia estrada. Hoje há uma estrada, mas naquele tempo eram os caminheiros. Todos os dias daqui para a Moura. Demorava meia hora. Por vezes, de Inverno, a roupa molhava-se. Tínhamos que estar com ela molhada. Era um bocado chato não haver aqui professora nem escola. Mais tarde, a minha filha já esteve algum ano ou dois a estudar aqui na povoação. Já havia uma professora aqui, numa casa alugada e nesse tempo ainda havia alunos que chegavam para uma professora. Depois

deixou de haver. O meu filho e a minha filha já foram estudar até à quarta classe ali no Sobral Gordo, esta terra aqui ao lado, vizinha.

Migração "*Toda a gente teve que emigrar*"



Inácio Gonçalves (Mourísia, 1948)

A partir aí de 1950, 1960, começou tudo a emigrar. Uns para Lisboa, outros para o estrangeiro, por um lado e por o outro, e assim foi desaparecendo a gente. Hoje não há por aí quase ninguém. Iam, porque aqui não havia dinheiro nem havia empregos. Era muito difícil. Naquele tempo, era tudo sete, oito, nove filhos. Por isso, aquela gente não tinha aí onde ganhar nada. Tudo emigrou. Nestas aldeias, neste fim de mundo, toda a gente teve que emigrar e ir desaparecendo daqui. Ninguém tinha emprego, só se governavam aí com o que cá tinham e quase que todos precisavam de dinheiro para comprar azeite e bacalhau ou vestuário e calçado. Aqui, as cabras e as ovelhas que tinham não

davam bem para isso. Então, toda a gente tinha que emigrar nem que fosse só por três meses. Algumas pessoas iam para Lisboa fazer a época das sementeiras e isso. Estavam uns três meses e depois voltavam. Havia outros que iam para um lado e para o outro. Também, se hoje aí estivesse esse pessoal que hoje está espalhado pelo mundo, e que aqui foi criado, Deus me livre! Tinha que haver aí uma vila já grande com tanta gente.

Percurso profissional

"Fazer a praia em Lisboa"

Eu também ia de Verão fazer a praia em Lisboa. Fui de camionete e depois de comboio. Havia uma camionete para o Monte Frio, que fazia a carreira três dias por semana, naquele tempo. Era a única coisa que havia em carreira. Depois, para Lisboa, tinha que se ir àquela carreira apanhar a camionete que nos levava a Santa Comba. Em Santa Comba, tínhamos então o comboio para ir e vir para Lisboa. Nunca tinha visto um. O meu trabalho, os meus estudos, a minha escola era só daqui para a Moura. Já não me lembro o que senti, mas penso que achei engraçado. Nunca tinha saído destas aldeias pequenas, depois, ver umas aldeias grandes e a cidade é diferente. Mas a tudo isso se a gente habituou logo. Tinha que ser. Tinha que se sobreviver, tinha que se tratar.

Fui dos 16 aos 19 anos até ir para militar, para a tropa. Ia lá três meses vender gelados e bolos na praia. Havia aí vizinhos doutras aldeias, que faziam lá essa venda. Depois, eu fui para baixo. Já estava na altura de ir procurar emprego noutros lados sem ser por aqui. Mas cheguei lá, não conseguia emprego. Não era fácil. Comecei com uns primos meus que lá trabalhavam. Disseram-me:

- "Olha, fazes desta maneira e desta..."

E lá se fazia, lá se ia sobrevivendo. Eu morava ali ao pé da corte na rua de São Bento. Tinha lá o meu quarto. Adaptei-me mais ou menos. Para mim, não custou muito, porque estava habituado a trabalhar e a andar aí a guardar ovelhas e já sabia qualquer coisa. Qualquer trabalho, fazia-o fácil. Era um tempo em que toda a gente ia para lá e tudo se governava, mal ou bem. Uns a vender fruta, outros a vender isto ou aquilo, toda a gente trabalhava e toda a gente vivia. Sem emprego, porque não havia emprego, mas em tal caso lá se iam assim governando. Sobrevivia-se melhor, naquele tempo.

As minhas praias até eram das mais fracas. Era Algés e Cruz Quebrada. Fazia essa venda aí. Mas era perto, metia-me no comboio. De manhã, ia e levava a caixa do gelado e a mala dos bolos. Vendendo aquilo, estava o dia feito. À

meia tarde, às vezes, quando havia muita gente e já não tinha nada que vender ainda ia acima à fábrica da cerveja com umas duas seiras, uma de laranjada, outra de cerveja. Chegava lá, despachava aquilo rápido, quando havia muita gente e calor de Verão. Depois, estava feito, vinha para casa, para Lisboa. Ao outro dia de manhã, ia pela fábrica do gelado e dos bolos, carregava, ia para o comboio e tal e era assim.

De Inverno, fazia diversas coisas. Ia-se vender, às vezes, qualquer coisa para a porta das praças, vendia-se torneados, essas coisas de colheres de pau, aqueles almofarizes e essas coisas todas. Cheguei a trabalhar com uma roda de amolador. Os meus primos daqui dos Parrozelos era tudo amoladores. Então, de Inverno, quando dava mais alguma coisa, trabalhava lá nas ruas de Lisboa. Hoje, isso está acabado. Essa coisa de amolador terminou tudo, mas, naquela altura, ia-se sobrevivendo. Havia muito trabalho. Vinham os espanhóis trabalhar nisso três meses. Com passaporte turístico, chegavam cá, trabalhavam com a roda três meses. Éramos muitos, mesmo muitos, mas havia trabalho para todos naquele tempo. Hoje, não há trabalho para isso. Era tudo caro e então as pessoas, barbeiros e tudo, aproveitavam e mandavam afiar as tesouras. Hoje, os barbeiros já não mandam afiar as suas navalhas nem nada. Hoje, é mais prático comprar uma nova. Sempre me desenrasquei. Nunca tive patrão até aos 36 anos.

"Era explorador moto"

Depois, fui para a tropa em 1951, com os meus 21 anos. Fui para o Regimento de Cavalaria n.º 5 em Aveiro. Ainda era bastante longe e não havia pessoas de cá. Desse ano era só eu. Mas foi bom. Aprendeu-se bastante. Estive lá 16 meses e oito dias. Havia quatro formações que era: Formação e Trem, o Esquadrão Moto e outro a cavalo. Cada esquadrão tinha a sua maneira. Formação e Trem era automóveis e camionetes. Eu fiquei no Esquadrão Moto. Era explorador moto. Mas todos na recruta aprendiam a andar a cavalo lá dentro no picadeiro. Para sair, já se saía com os seus carros ou com as suas motas e essa coisa toda. Tivéramos na instrução uma volta que foi de Aveiro a Castelo Branco. Estivemos sábado e domingo. Na segunda-feira, saímos de lá de Castelo Branco, pela Pampilhosa da Serra, Coimbra e à noite estávamos em Aveiro no quartel. Era uma marcha grande. O que conduzia era explorador moto, os outros levavam os carros, levavam as cozinhas, tudo o que era preciso para fora. Passou-se o tempo assim mais ou menos.



**Inácio Gonçalves, cumprindo o serviço
militar como explorador moto (Aveiro, 1951)**

"Os anos mais mal aproveitados da minha vida"

Depois da tropa, ainda fui a Lisboa dois anos. Depois, vim, casei-me, ainda fiquei por aqui, agarrado a isto um tempo. Trabalhava na fazenda. Para fertilizar a terra, praticamente era só com o estrume dos animais. Mais tarde, já havia esses adubos para a batata, já compravam, mas, até essa altura, quase ninguém comprava. Primeiro, não havia. No tempo dos meus pais, não me lembro de eles comparem nada disso. No meu tempo já havia. Já se comprava às vezes um saco de adubo. Dava para pôr um bocadito aí. Mas no milho não era preciso. Era só o estrume. Às vezes, para a batata, feijão ou isso é que se punha um bocadinho de coisa pouca.

Às vezes, ia dar as minhas voltas. Vendia o que levava e isso e 15 dias, oito dias depois, voltava para casa.

Foram os anos mais mal aproveitados da minha vida, aqui na terra e parte por fora. Sem emprego, viver é uma sobrevivência. Ainda fui algum ano à praia,

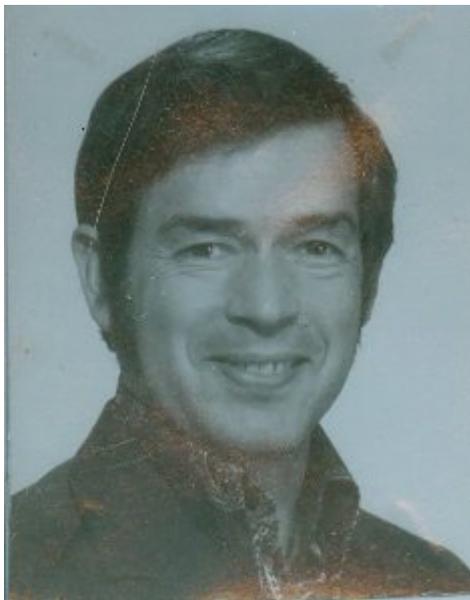
uns três meses, também ainda lá fui passar um Inverno ou dois e o resto era por aqui. Às vezes, ia vender qualquer coisa pelas feiras. Fazia por aí umas voltazitas a vender umas coisas e isso. Era vendedor ambulante para não estar sempre aqui. E assim se foi passando. Depois, ainda tive até aquela sorte de emigrar em 1966, já tinha 36 anos.

"Fui para a Suécia"

Em 1966, fui para a Suécia. Tive uma oportunidade. Tinha lá um irmão e ele mandou-me um contrato de trabalho para ir trabalhar ao pé de onde ele estava, numa fábrica de pedra, granito, serração e "poliço" de pedras para igrejas, cemitérios, campas. Tudo isso se lá fabricava. A primeira vez para lá, fui de comboio. Demorei um dia e uma noite. Foi rápido. Tinha lá um outro passageiro português para a Suécia e fôramos. Só tivemos uma mudança na Alemanha. Quando entramos na Suécia, o contratador passava os contratos para as pedreiras, que era lá no norte. O comboio andou o dia inteiro até chegar lá donde eu ia trabalhar, onde tinha o contrato. Depois, tinha lá alguém à minha espera, o encarregado. Mas, como modifiquei o horário, à hora que lá cheguei não estavam à minha espera. Procurei um autocarro que me levou perto da pedreira donde eu estava, mas já na Noruega. Depois, o condutor disse a um homem que me levasse lá ao Ak Ferstrom que era a fábrica. Ele passou-me num barco por um lago grande e foi-me lá deixar no sítio, onde trabalhavam 20 portugueses, tudo na pedra. Ao outro dia de manhã, o encarregado levou-me à estação e voltei todo o dia a andar cá para o sul, para Sölvesborg, onde trabalhava o meu irmão.

Não foi complicado adaptar-me lá. Um bocadito pior foi eu, nessa altura, ainda não ter carta. Só tinha a carta daqui, mas quando cheguei à Suécia, não dava para lá. Tive que tirar lá novamente. Então, a princípio foi um bocado difícil, a forma de transportes para o trabalho. A Suécia não é como aqui. Era um pouco mais frio. Eu trabalhava em Karlshamn, mas morava nos arredores, a 10 quilómetros. Tinha que vir às compras de bicicleta. Nessa altura ainda não tinha carro. Para ir de bicicleta de Inverno era um bocado ruim, mas ainda fiz isso bastante tempo. Às vezes, ia com os colegas. De manhã, ia sempre. Depois, acabei por tirar a carta e comprar carro. O trabalho já era mais fácil.

Ainda aprendi a língua. Não fui à escola, porque não tinha vagar, não tinha tempo, mas a minha esposa ainda andou 240 horas na hora do trabalho lá na escola dos sindicatos. Eu não tive isso, porque não era preciso, senão também tinha. Eles lá nas fábricas também punham escola, mas eu não andei lá. Não era necessário.



Inácio Gonçalves (Suécia, 1972)

Os suecos são inteligentes, simpáticos e com um nível de vida mais ou menos. Não é assim tão difícil como aqui em Portugal. Tudo mais fácil. Eu achava tudo mais fácil. Aqui, as pessoas não atendem bem cá as gentes, seja que empregos forem. Lá, são muito atenciosos em tudo. Podiam não ligar a um estrangeiro porque falava mal ou isso, mas não, muito bons. Nunca tive problemas de chegar a um lado qualquer e ser mal percebido ou isso. Os trabalhos, os colegas, suecos e estrangeiros tudo mais ou menos dentro das normas. Achei uma civilização muito boa.

Trabalhei seis anos naquela companhia na pedra. Depois, fechou e eu tive que procurar outro trabalho. Fui para outra fábrica de pedra. Vim estar aqui um ano em Portugal e quando voltei ainda fui para essa mesma companhia da pedra, que era em Karlshamn. Depois, essa companhia já tinha fechado em Sölvesborg e eu tinha ido para Karlshamn, para outra fábrica deles. Tinha lá mais três ou quatro fábricas de pedra noutras cidades. Aonde eu trabalhei, tinha pedreiras logo ao pé. Extraíam aquele granito, aquela pedra. Lá, era o sítio maior das pedreiras e tinha estas fábricas de serrar e polir pedra. E ainda tinha mais nalguns três sítios lá na Suécia. Exportava para América, para todos os lados. Para todas as nações,

havia pedras feitas por a gente. Era uma empresa boa, na altura, mas, depois, o velho morreu e tudo aquilo foi destruído. As casas onde a gente morava, a casa do dono, tudo... Lá não é como aqui. Foi tudo destruído e levado para aquelas covas das pedreiras. Desapareceu tudo. Ficou o terreno limpo. Aqui ainda se faz destruição nas aldeias, mas não se leva, deixa-se ficar para lá ao monte, mas lá, fazem limpeza às coisas todas. Quando fechou, eu vim para a Volvo trabalhar para o pé do meu irmão, também perto de Sölvesborg.

Lá, trabalhava numa máquina, onde fabricavam radiadores dos automóveis. A companhia punha o que estava a trabalhar a ensinar o empregado dois ou três dias. Depois já estava apto a fazer o trabalho. Vinham rolos grandes de lamela, em redondo, que é uma espécie de fita. Aquilo é colocado na máquina, que faz aqueles quadrinhos. Depois, está sempre a sair aquele pacote. Cada radiador vai encaixado naquele pacote, passa pelo forno que leva "sirra", lá chama-se assim, cá é solda, que é ácido para soldar. Fica aquilo tudo soldado. É tudo cheio de canos por dentro e segue dali a linha toda. Eu trabalhava na máquina, o meu irmão também e um grego e um sueco. Trabalhávamos quatro nessa máquina.

A vida lá era trabalhosa também. Na fábrica da pedra, nas máquinas de serração, eram dois turnos. Eu trabalhava num e um português trabalhava noutro. No turno que eu estava à noite a trabalhar, saía às dez horas. Chegava a casa, comer. O encarregado - era alemão - quase todos os dias às nove horas, já estava a dizer à porta:

- "Ó Gonçalves, venha para baixo, que eu tenho lá muito que fazer!"

Levantava-me, tomava o café, em vez de ir pegar às duas, às vezes eram dez, 11 horas, já estava a trabalhar até à noite. Era uma vida de trabalho. Depois, fins-de-semana era de ida às compras. Era uma vida mais ou menos isolada, como por aqui.

Sentia saudades, mas, depois, habituei-me. Depois de quatro anos, tinha lá a família. Vinha cá todos os anos, em Junho, quando tínhamos as férias. Às vezes, estávamos dois, três anos sem cá vir e era um bocado trabalhoso. Vinha-se de férias por ver a família e vir dar o passeio. A gente lá estava sem vir até cá. Já apetecia dar por cá uma volta. Vinha de carro. Fiz a viagem de carro uns quatro anos. Depois, já mais para o resto, passei a vir de avião.

Namoro "*Resolvi pedir-lhe namoro*"

Eu conhecia a minha mulher daqui da aldeia desde os 6 anos, de pequeno. Ela veio para aqui aos 6 anos trabalhar lá para casa dos padrinhos e nós éramos os vizinhos. Eu trabalhava muito tempo fora, mas vinha de vez em quando cá. Vim cá numa altura de Lisboa e disse:

- Bem, agora está na hora de eu me casar.

Por lá, não gostava assim muito do ambiente. Então, cheguei cá e resolvi casar-me. Pouco tempo houve de namoro. Escolhi-a, porque gostei dela e do ambiente. Eu já tinha namorado uma outra rapariga de cá por cartas e isso. Ela não estava cá, estava a servir aí numa outra terra, mas eu gostei da minha esposa e resolvi pedir-lhe namoro para casarmos e isso. Tudo bem. Tive que pedir aos pais dela. Nessa altura, não se podia namorar sem autorização dos pais. Praticamente, não se andava para aí a namorar assim. Pensavam em casar e casavam.



Inácio Gonçalves e esposa Maria Fernandes do Céu (Mourísia, 1956)

Casamento "*Foi na capela*"

O casamento foi no dia 1 de Junho de 1954. Foi na capela. Eu ia vestido mais ou menos, com o meu fato e a minha gravata. A minha mulher também ia bem com um vestido cinzento, giro. Não tenho fotografias. Nessa altura, não havia cá fotógrafo, nem se convidava um para vir aqui tirar duas fotografias. O padre vinha de Pomares a cavalo. Era o padre João. A residência dele era em casa dos padrinhos da minha mulher. Depois lá se foi para Pomares para a casa dele, para a freguesia. Na festa, havia muitos convidados para comer e beber.

Depois, fiquei por aí uns anos até ir para a Suécia. Lá, estive quatro anos sem a minha mulher. Foi um período bem difícil, mas uma pessoa está sempre a pensar em juntar algum tostão para vir ou melhorar a vida.



Inácio Gonçalves e esposa Maria Fernandes do Céu (Suécia, 1972)

Lugar "*Vem lá dos mouros*"

Mourísia vem lá duma parte qualquer dos mouros, qualquer coisa dos antigos. Moura da Serra, Mourísia, lá vem já desses tempos de há muitos anos, do tempo dos mouros, que eram os primeiros habitantes disto. Talvez viessem esses estrangeiros já naquele tempo, que chamavam os romanos, os mouros, isto e aquilo e cada um explorava à maneira das suas terras. Havia uma levada que os mouros fizeram. Levava água deste descido donde vem água para o chafariz lá de cima da serra. Ia por esta encosta toda adiante e passava para a outra parte de lá onde chamam a Buraca dos Mouros, onde tinham lá a exploração deles. Não sei o que é que eles lá exploraram, mas tinham uma grande mina. Hoje, já está aquilo tapado. E isto começou com uma meia dúzia de moradores: uma casa aqui, outra mais aquém, além daquele lado, também havia outro morador... Depois, esses foram deixando a família crescer com muitos filhos e a aldeia foi sendo cada vez maior. Essa coisa de Mourísia vem desses tempos.

"No tempo de Agosto, era lindo"

O milho era muito cultivado. Tudo isso que a gente aí vê, esses bocados por aí abaixo, no tempo de Agosto, com a bandeira, era lindo. Tudo verdinho. Havia para aí milho para o pessoal todo e para vender. Havia muito milho e muito centeio, que cultivavam e ainda vendiam. Quando o milho estava para

ser colhido, iam cortá-lo, trazê-lo para casa e quebravam a espiga com aquela capa. À noite, tiravam a capa, punham para um molho para a debulha para depois malharem. Era no tempo dos serões, já mais para o Inverno. Os dias eram mais pequenos e as noites maiores. Todas as famílias tinham muitas debulhas. A gente fazia o nosso serão e se estava aí um vizinho ainda íamos dar uma ajuda. Algum que não tinha debulha, um dia, ainda ia ajudar ao vizinho. Faziam os serões a debulharem o milho, a escarapelarem, a tirarem-lhe a capa. Lá se juntavam como podiam. Sempre iam conversando e contando algumas anedotas e assim iam passando o tempo. Depois, a quem aparecia a espiga vermelha, tinha que dar um abraço à malta que estava. Lá se divertiam um pouco, mas era muito trabalho e pouco divertido. De dia, a trabalharem para o trazerem para casa, à noite, para fazerem este trabalho. Era trabalhoso para se sobreviver aqui.

"Tudo andava a vindimar"

Faziam muito vinho na altura. O meu pai tinha aí boas uvas e bom vinho. Curava as culturas com uma máquina de sulfatar às costas. Faziam-se aqueles curamentos de oito ou 15 dias. Sempre houve. Na altura das vindimas, tudo andava a vindimar, porque havia muito. Cada um fazia as suas vindimas e os seus vinhos em fins de Outubro, mais ou menos. Aqui era um bocado de frio e tinha que se deixar estar mais um bocadinho de tempo a amadurecer. Era assim. As pessoas ajudavam-se, mas como aqui não havia grandes terrenos e cada um tinha só o seu vinho para os seus gastos, cada um fazia as suas vindimas mais algum pessoal que tinha de família ou isso, que, às vezes, lá ajudava.

Depois, esmagava-se com umas prensas que tinham. Aquilo ia espremendo, espremendo, apertando, apertando, até que ficava bem espremido. Em princípio, esmagavam com os pés, mas depois começaram a vir aquelas esmagadeiras de andar à volta. Depois, punha-se nas dornas a ferver e depois de estar aquele tanto tempo a ferver, tiravam para o pipo. Espremiam o bagaço e quem queria ainda fazia aguardente. Quem não queria punha o bagaço fora, depois de bem espremido.

Ainda fiz alguns anos vinho. Cá, há duas espécies de vinho. Aquele que era enxerto, como o meu pai tinha, que pôs as videiras e enxertou, era bom. Mas há aí uma espécie de morangeiro, que é um vinho de produtor, que é muito rasca, muito bera. E hoje, é só do que para aí há. Foram as videiras cansando e acabaram. Foi isso assim.

Melhoramentos materiais

Nunca houve água nem luz em casa. Só à volta de 1970 é que veio a luz, já eu não estava cá. Para iluminar, era com os recursos que havia. Ainda tenho um candeeiro que se usava muito. Punha-se de cima da mesa, metia-se petróleo dentro e já está. Os meus filhos já estudaram à luz daquele candeeiro ou doutro ainda mais pequeno que se usava à cozinha. Era a única coisa que havia. Comprava-se o petróleo, punha-se naqueles candeeiros e assim se ia tendo a luz daquele tempo.

A água devia ter vindo um pouco primeiro, 1958, 1960, mais ou menos. Foi a Comissão que pôs. Foi buscá-la lá acima à serra. Antes, ia-se buscá-la ao chafariz, ao fundo do povo. Nós, como éramos pequenos, éramos os andantes de ir buscar a água e tratar das ovelhas, fazer esses trabalhos assim. Para lavar a roupa, há lá um tanque ao pé da fonte, em baixo, ao fundo da povoação. Uns iam lá lavar, outros lavavam em tanques que tinham aí nas propriedades deles. Podiam lá lavar as suas roupas. Era só com sabão que esfregavam a roupa. Até acho que, em princípio, nem havia dinheiro, nem havia essas coisas. Não havia cá quem vendesse. Também ficava longe ir-se à feira a Côja ou isso. A feira de Côja era a mais próxima e ainda são bastantes quilómetros. Alguma coisa que se tinha em casa tinha de se trazer às costas.

Tinha que se ir buscar as coisas às costas à Moura. Só havia estrada até lá. A estrada veio para o Piódão em 1956 e mais tarde veio para aqui. A Comissão e isso lá fizeram a estrada para baixo, por volta de 1958. Antes, tinha de se ir buscar tudo. Qualquer areia, qualquer cimento que se quisesse fazer nesta terra, tinha que se ir à Moura buscar. Mais de meia hora. Temos além uma eira. Ainda me lembra que lá fui buscar areia lá para fazer a eira. Tudo carregado às costas. A capela também. Juntava-se a malta toda e lá tinham que andar a carregar. Cada casa ia buscar uns tantos alqueires de areia, uns tantos sacos de cimento e era assim o transporte. Quase todos os melhoramentos que estão aí foram feitos à custa dos moradores da aldeia. Só o alcatrão é que não. O resto, praticamente foi tudo. Alguns caminhitos e essas coisas. A Câmara, praticamente, nunca ajudava para aqui nada. Depois, a Comissão lá ia fazendo estes caminhos melhores, umas escadas, uns cimentos por aqui e por ali, lá foi melhorando isto. Depois, veio então o alcatrão e a estrada ficou mais prática e melhor. Já tivemos a estrada aqui muito ruim muitos anos, cheia de buracos, cheio de tudo para vir cá para cima. Depois, levou aquele tapete e agora até estamos bem servidos de estrada. Para o que já foi...

A história do castanheiro

O castanheiro tem uma história. Ele tem muitos anos, talvez 200, 300 anos. Quando eu fui à tropa, havia uns colegas que iam daquelas aldeias de além. De noite, passavam lá por cima pela serra, lá vinham contentes demais e até deitavam fogo, à serra, ao mato. Ficava a arder e a gente tinha que lá ir apagá-lo. Ali no castanheiro, sucedeu que houve algum vizinho ali do Tojo, ou não sei de donde, que passou e botou para lá o cigarro ou ateou lá fogo ao castanheiro. Ele já estava oco por dentro e estava cheio de folhas. Também podia ser alguma faísca, algum raio da trovoada. Nunca se chegou a descobrir se seria uma faísca que lá caiu no castanheiro e o incendiou ou se teria sido esse homem que passou e incendiou. Mas aquilo ardeu tudo por dentro. Andou dois dias a arder. Depois, aquilo ardeu e ficou lá um espaço grande. A gente entra para lá, pode-se lá sentar, pode-se fazer-se a cama e dormir. E conforme ardeu, fez umas janelas nas pernas para os lados, mas por fora ficou sempre aquela parte de 10 ou 20 centímetros de grossura. Então, tem portas e janelas. Às vezes, as pessoas vão lá filmar um bocadinho, vão para a janela e vão para cima das pernas. O castanheiro ficou muito conhecido pelo que lhe aconteceu e foi dado como Património de Utilidade Pública.

Vem muita gente, às vezes, porque ouvem falar. Como está na Internet, vêm fazer uma visita à povoação e aproveitam. De Verão, é simpático. Tem muita ramagem. É assim um castanheiro que dá ali uma bela sombra. Quem quer pode ir até lá, levar a merenda e estar na frescura daquela ribeira. É engraçado, ao mesmo tempo quando aquilo está com a sombra toda, tudo verdinho. E aquela frescura da ribeira, que a gente põe lá os pés e tem que tirá-los, que a água ali é fresca. Não é boa para fazer lá uma piscina.

A Mourísia é uma aldeia pacata, sossegada, onde se pode viver. Longe de tudo, que é a diferença pior que há, estarmos longe das coisas, mas enquanto tiver carro, ainda se vai por aqui estando, pelo menos a época do Verão. De Inverno, quando é mais frio, por vezes, já se prefere Arganil, porque se torna um pouco mais quente e já se está mais perto dos médicos, das compras e de tudo. Mas de Verão, é muito bom aqui, muito saudável.

Costumes

Uma festa pacata

Lembro-me da festa como ela era. Era pacata, só o pessoal cá da aldeia. Era muito raro vir cá a música. Que eu me lembre, só no tempo dos meus pais. Depois, deixou de haver. Só aqui há dois anos ou isso é que veio a música fazer uma festa e a procissão. De resto, é uma coisa sem especialidade nenhuma.

Natal na serra

No Natal, hoje, já fazem diferente. Vêm excursões com muitos turistas e fazem almoços. Naquele tempo, praticamente cada pessoa fazia a sua festa. Matavam o seu porco, tinham as suas visitas, famílias ou isso... Não havia especialidade de festejaram o Natal. iam à missa do dia e essa coisa, como vão hoje ainda. E agora com esta pouca gente que tem, ainda cada vez se tornam os Natis assim mais frouxos, mais esquecidos.

"Pobre gato!"

Ia-se buscar um pinheiro alto e delgado, muito comprido. Depois, ali no solheiro, punha-se palha à volta e atava-se. Lá no cimo, ligava-se o cântaro com o gato dentro e levantava-se lá para cima. Vinham os homens todos da aldeia meter o pinheiro para a cova e subi-lo. Punham o lume à palha, ardia, o gato caía cá no chão - pobre gato! - fugia às sete partidas. E era assim que festejavam o São João, também com um baile, uns tocadores de guitarra, harmónio e essa coisa.

"Criávamos porcos"

Criávamos porcos. Tínhamos um, pelo menos, para matar todos os anos. Não se podia ter muitos, que não tínhamos quem nos ajudasse. Matava-se um porco ao fim do ano e tinha-se logo outro ou comprava-se outro. Ia-se criando e era assim. No dia da matança, os matadores, que eram da família, vinham de manhã. Dava-se-lhe o café, o pequeno-almoço e ia-se matar o porco. Ao almoço, já havia febras do porco para se comer, já se fazia a assadura. Só à noite é que

ia-se desmanchar o porco, cortá-lo todo. Ao outro dia é que se salgava, depois de a carne já ter arrefecido bem. Punha-se numa caixa grande, punha-se-lhe sal, dois ou três alqueires e era assim.

"As pessoas ajudavam-se"

As pessoas ajudavam-se, porque não havia outras coisas. Não tinham dinheiro para estar a pagar ao vizinho um ordenado, então, ajudava-se. Ajudavam-me a mim e eu ficava a dever. Ia dar também uma ajuda quando eles pediam. Era assim que se fazia naquele tempo. Hoje, já não. Hoje, é diferente. Se eu quiser que alguém me faça alguma coisa, tenho que lhe pagar o dia ou o tempo que andar. Naquele tempo, ninguém levava dinheiro. Ninguém ia convidar outro para vir ao serão ou isto ou aquilo. Era tudo trabalho de graça.

"Vinha o João Brandão"

Lembro-me ouvir dizer que havia uma taberna lá em cima na serra, que chamavam a Catraia. Depois, vinha o João Brandão, lá dos lados de Midões, com os seus cavalos e com os colegas dele e por onde passavam, faziam mal às pessoas. Na pousada, lá comiam e bebiam, lá faziam a sua maneira. Pelas aldeias, diz que prendiam os cavalos que traziam nas arcas do milho para comerem. Faziam maldades às pessoas. Botavam-lhe o vinho a andar, abriam-lhe as torneiras... Eram muito maldosos e tudo com medo deles.

"Sempre se falou do lobisomem"

Nestas aldeias, sempre se falou do lobisomem, mas a gente não sabe se, de facto, havia o lobisomem. Não sabe se era o lobisomem que passava à meia-noite, se era algum vizinho que lá ia à meia-noite embrulhado numa capa ou num lençol branco. Isso são os contos que sempre se ouviram falar para assustar as crianças ou, às vezes, até os adultos. Lá vinha um que queria contar um conto, lá arranjava a maneira de dizer alguma coisa. Naquele tempo, se havia um que, às vezes, queria roubar a farinha a outro, começava a programar que apareciam lobisomens, como ainda aqui sucedeu-nos alguma vez. Então, era algum vizinho que proclamava isso para ir lá ao moinho de noite e trazer-lhes a farinha. Isso será mais uma história. Nunca descobri. Mas metiam um bocado de medo. Eu saía de manhã daqui com um saco às costas para ir à feira a Oliveira ou à Pampilhosa da Serra e ainda ia com medo. Vía uma sombra dum pinheiro ou isso:

- Ah Está ali alguma coisa!

Metia medo às crianças e às pessoas. Ainda me lembra. Mas era só de ouvir falar e contar.

Avaliação "*Foi bom recordar*"

Acho que seja bom ficar com uma recordação para os nossos futuros netos, bisnetos e isso. Acho que será interessante. Eles um dia sabem:

- "Olha, os meus avós ou os meus bisavós foram de tal parte, desta aldeia..."

Até ainda vêm cá fazer uma visita à aldeia. E foi bom recordar.